

ARQUITETURA E URBANISMO

REVISTA BIMESTRAL — ANO I — SETEMBRO E OUTUBRO DE 1936

S U M A R I O

- FRANCISCO PEREIRA PASSOS
→ A MISSÃO CIVILIZADORA DO ARQUITETO — Bruno Simões Magro
EDIFÍCIO PIMENTEL DUARTE — Pires, Santos
IGREJA EM TERESOPOLIS — Anton Floderer
CINEMA IPANEMA — Rafael Galvão
APARTAMENTOS ECONOMICOS — Vasconcellos Jor.
RESIDÊNCIA — A. F. Cavalcanti
RESIDÊNCIA — Candiota e Assis
RESIDÊNCIA — Candiota e Assis
COMENTÁRIOS DE VIAGENS — A. Monteiro de Carvalho
DECORAÇÃO E MOBILIÁRIO — Cipriano Lemos
A' MARGEM DAS CONFERÊNCIAS DE LE CORBUSIER — A. Szilard
FOLHAS DE INFORMAÇÕES — Adalberto Szilard
BOLETIM DO INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL
NOTAS ◉ COMENTÁRIOS ◉ BIBLIOGRAFIA — Ricardo Antunes
→ TRABALHOS DO CURSO DE ARQUITETURA DA E. N. B. A.
TRIBUTUNAL LIVRE — Diversos

DIRETOR
/ CIPRIANO LEMOS

SECRETARIO
E. XAVIER DO PRADO

TESOUREIRO
RAUL CERQUEIRA

CONSELHO-TECNICO
CIPRIANO LEMOS — AUGUSTO DE VASCONCELLOS J.ºR — PAULO NUNES PIRES
ADALBERT SZILARD — RICARDO ANTUNES J.ºR

DIREÇÃO E PUBLICIDADE - QUITANDA 21 - RIO

— A direção não se responsabiliza pelas opiniões emitidas em artigos assinados —

ARQUITETURA E URBANISMO 125
SETEMBRO E OUTUBRO DE 1936

A MISSÃO CIVILISADORA DO ARQUITETO

SUA SITUAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Arquiteto BRUNO SIMÕES MAGRO

(Professor da Escola Politécnica de S. Paulo).

São gerais as queixas dos arquitetos de hoje que se sentem diminuídos de seu anterior prestígio.

Caracterizando a época do dinamismo da atividade mecânica e a preeminente preocupação econômica, é natural que a sensibilidade estética diminua. Daí a crise que asoberba os artistas, geralmente a braços com as aperturas das dificuldades financeiras.

É fato incontestável ser inato o sentimento estético, mas este apura-se com a educação e com o ambiente que nos cerca. Ora, a situação revela a deficiência daquela e a impropriedade deste.

Portanto, não nos deve surpreender que os artistas fracos de espírito se abatam e procurem no cabotinismo o derivativo para seu mal.

Alguns ideólogos apelam para o inédito n'uma ância de crear, em que se delata a íntima e mal sopitada revolta contra a sociedade contemporânea.

Avançam, pois, resolutos com a miragem do futuro e não ha detel-os diante de seu passo de carga.

Bem longe, porém, estão de atingir o objetivo, pois a opinião pública, dividindo-se entre as várias tendências, não lhes garante o triunfo.

Esforçam-se outros em fixar o retrato da sociedade em que vivem procurando traduzir-lhes os ideais. — Mas como reproduzir o facies de um mundo instável que se agita num mar tempestuoso?

A onda revolucionária, avassalando os espíritos, submergiu o sentimento religioso, em plena decadência, e a moral, inteiramente modificada, mas ainda não cristalizada. Desapareceu a nobreza, eclipsaram-se as elites intelectuais, vacilam as instituições e tudo se faz vertiginosamente, num assombro de estonteante dinamismo.

Escassêa, pois, a linfa das mais preciosas fontes de Arte.

Nem a cultura física, em pleno desenvolvimento, pôde compensar-lhe as deficiências, porque já não ha, como nos tempos clássicos, a preocupação de simetria.

O exercício desportivo é, geralmente, orientado visando a obtenção de recordes em competições espe-

cializadas. Não existe mais a preocupação do admirável equilíbrio físico e mental definido pelo "mens sana in corpore sano" dos Romanos.

A redução da capacidade emotiva é uma das maiores dificuldades que se antolha ao artista.

Duramente provado pelas vicissitudes da grande guerra, cujas desastrosas conseqüências por muito tempo se farão sentir, o homem civilizado de hoje tem como que embotado o sentimento.

Não o impressionam as pequenas desgraças, de nulo valôr ante as catástrofes que tem presenciado, e diante dos quais se quêda tão insensível como ao lado dos delicados prazeres espirituais, outr'ora tão apreciados.

Preciza de emoções fortes para sofrer ou gozar.

Eis porque, com a mudança de antigos hábitos sociais de elegancia e educação, tem desaparecido a graça que é sempre branda, suave e mímica.

Terpsicore já não pôde provocar euforia com o ritmo delicado que encantava a passada geração.

A paixão excessiva, excluindo a graça, tem que ser traduzida em movimentos sacudidos cuja cadência é marcada pela estonteante música do "jazz-band".

A própria mulher, cuja beleza, como principal fonte de Arte, tem sido exaltada em todos os tempos, se resente da redução da capacidade emotiva do homem moderno.

É esse um tãto extraordinario e ilógico, pois áquele predicado, o primeiro que sempre se lhe procurou, está ligado á idéa da própria conservação da especie. Mas o fato é que já não lhe bastam os dons naturais de beleza, nem a elegancia de suas formas apenas percebidas sob discreta roupagem. Para emocionar é necessario que seus encantos sejam percebidos através o tecido de atrevida e leve indumentária e que mil artificios, impressionando pelo imprevisto e pelo inédito, substituam o novo ao belo.

Eis em traços gerais e com palido colorido o quadro da sociedade em cujo cenário tem de agir o artista contemporâneo.